

espingardas, para os campos. Quando percebem, nas nuvens, a gritaria infernal, atiram para o ar, sacodem as árvores e fazem barulho com matracas, apitos e tambores. Nessas noites ninguém dorme. Enquanto os homens fazem barulho nos campos, até o cantar do galo, as mulheres empenham-se em fechar herméticamente as janelas e as portas das casas, em tapar os buracos das chaminés ou em proteger, com velas bentas, as estribarias e os celeiros.

A partir do século XV, até em pleno século XVIII, os habitantes da Alemanha, da Itália, da França, da Espanha e da América, presos de pavor, andam assim a suspeitar constantemente a aproximação das bruxas. E basta que qualquer mulher velha chame sobre si a atenção, por causa de uma fisionomia desagradável, um nariz torto, um pé equino, por sinais da pele ou até por palavras imprudentes, para que logo a tratem de bruxa. Uma parenta próxima de Kepler foi queimada como bruxa. A própria mãe do grande sábio escapou, por um triz, à mesma sorte, e até o próprio Kepler era de opinião que não se podia negar a realidade das bruxas.

Moças e mulheres formosas e sedutoras também se tornam suspeitas de artificios diabólicos. E quem uma vez foi apontada como bruxa, vê todas as casas se lhe fecharem. Para evitar cruzarem pelo seu caminho, homens e mulheres fazem grandes rodeios, até que as autoridades cumpram seu dever e encarcerem a bruxa.

Pois o "maleficium" das bruxas constitue, agora, cada vez mais a miúde, uma base para diligências judiciais. A justiça, em tempos normais, é exclusivamente destinada e habilitada a punir delitos consumados. Naqueles dias, porém, toma a peito aplicar às vítimas do universal temor às bruxas, o seu mais complicado arsenal de argüição e de processo. Um sinal no corpo, pintas de sardas, um pé defeituoso, um nariz torto tornam-se indícios criminais do comércio entretido pela ré com o Diabo. A tortura consegue extorquir inúmeras confissões, e cada uma delas constitue, não somente uma prova irrefutável contra a ré, como também é considerada uma presunção para todos os outros "casos". Por toda parte, levantam-se as labaredas das fogueiras, a ponto de, na Europa, o número das pessoas queimadas como bruxas ultrapassar, ao que consta, nove milhões. Seja como fôr, ultrapassa, indubitavelmente, o total dos mortos de todas as guerras que se travaram durante aqueles três séculos.

* * *

Os grandes movimentos dos penitentes e dos flageladores, durante o século XIII marcaram o prelúdio da explosão do medo que, assoladoramente ia rompendo todos os diques e anteparos. Essa ruptura tornou-se completa, tudo foi inteiramente derrubado quando estalou a Reforma. As novas doutrinas de Lutero e de Calvino rejeitam

todas as instituições da igreja católica, tendentes a redimir o pecado das almas e a tranquilizar as consciências. Privam assim a humanidade de todas aquelas garantias contra o medo primitivo que, até ali, lhe haviam proporcionado a crença nos santos, o poder da graça, a confissão e a penitência.

Ao mesmo tempo, a Reforma também rompe os laços mantidos entre a religião e a razão pela escolástica católica que os estreitara incansavelmente. Os escolásticos — principalmente São Tomaz de Aquino — introduziram na teologia a filosofia e a ciência natural aristotélicas. Encurralaram assim, definitivamente, o poder demoníaco-divino dentro dos limites da Ratio. Pelo contrário, Martin Lutero concentra todo o seu santo desprezo contra esta "prostituta razão".

Não podemos conceber a noção de Deus pela razão; a sua ira não pode ser aplacada pelas indulgências, pela remissão dos pecados, nem pela penitência. Somente o mais estrito temor a Deus é capaz de trazer a salvação da alma. Tal é a convicção fundamental dos reformadores. "Deus devora cada um" — escreve Lutero — "e tal prazer sente em fazê-lo, que se vê levado, pelo próprio zelo e pela própria cólera, a devorar os maus... Porque Deus é um fogo que consome e devora e nisso se empenha; quer dizer que vos mata como o fogo consome uma casa, reduzindo-a a cinzas e a pó."

O princípio protestante da responsabilidade põe, em face de Deus, cada cristão isolado e reduzido a seus próprios recursos. Neste princípio revivem, inteiros, os elementos de submissão e de medo, peculiares às relações entre a criatura impotente e o criador onipotente, entre o pecador indigno e o Juiz Universal supremamente Justo.

Contudo, durante a primeira fase do protestantismo, isto é, durante a fase luterana, esse medo ainda está paralisado por uma alegre confiança na força salvadora da fé. O próprio Lutero tem uma confiança tal que lhe permite arremessar o tinteiro à cabeça do diabo e afugentá-lo, graças ao poder de textos bíblicos. Mas a reforma de Calvino, pelos passos que dá na via do radicalismo, não tarda em privar o pecador da última esperança de salvação e abandona-o ao próprio desespero. Calvino admite, na verdade, que a fé justifica o homem perante Deus. Conforme, porém, sua rude teoria da predestinação, o dom de crer acertadamente constitue um raro privilégio que Deus só confere a seus eleitos, e ninguém pode saber se pertence ao número destes.

Por este meio, nega-se ao Criador a indulgência e a bondade de perdoar que o catolicismo lhe atribuía e que constituía um dos princípios essenciais do protestantismo luterano. Ainda mais, esse Deus da predestinação calvinista que, desde o início, destinou à danação grande parte de suas criaturas, de acordo com seu impenetrável decreto, já